



“Peyton une momentos de emoção
nua e crua com cenas que parecem
um abraço quentinho.
Impossível de largar.”

BAL KHABRA, autora de
Em rota de colisão

JOGANDO *por* CONTROLE

PEYTON CORINNE

*Para meu pai,
que passou a vida segurando um livro em uma
das mãos e a minha mão na outra.*

*Sobre o que este livro seria nunca importou,
apenas que ele sempre foi para você.*



PRÓLOGO

Três meses antes

Rhys

Não consigo respirar.

O frio congelante penetra pela camisa do uniforme e atinge minha barriga. *Caramba*, estou deitado de bruços no gelo. *Será que eu desmaiei?*

– Filho, tá tudo bem. Consegue levantar a cabeça?

Está tudo escuro. Fecho os olhos e os abro de novo. Nada. Pisco mais vezes ou, pelo menos, acho que pisco... Nossa, quanto tempo será que fiquei apagado?

– Koteskiy, você tem que respirar – diz outra voz, então alguém segura meu braço. – Não mexe nele, Reiner, espera.

Ouçoo o arranhar de uma lâmina contra o gelo, depois a voz do meu melhor amigo, Bennett:

– O que foi? O que aconteceu?

Quero chamá-lo. Tento falar o nome dele, desesperado, mas parece que meus lábios estão grudados.

– Pra trás, pessoal. Pra trás!

– Não consigo ver – digo com esforço. – Não consigo ver.

A segunda vez sai como um soluço sufocado.

– Fica calmo – diz Ben, e sua voz suave controla um pouco do medo e da adrenalina que correm dentro de mim. – Vai com calma, Rhys. Só respira.

– Cadê meu pai? Não consigo ver nada.

Minha voz parece uma coisa estranha ecoando numa caverna. Estou mesmo falando ou estou só imaginando? *Por que não consigo ver?*

Tudo começa a se embolar na minha cabeça e a dor fica ainda mais forte. Quero abrir os olhos. Quero pressionar os dentes com a língua para verificar se estão todos no lugar e prometer usar um protetor bucal da próxima vez. Quero voltar no tempo e prestar atenção, manter a cabeça erguida contra aquele golpe. Não quero estar aqui.

Não quero estar aqui. Não quero estar aqui.

As vozes ao meu redor vão se transformando em nada enquanto mergulho na escuridão densa que me aprisiona.



CAPÍTULO UM

Presente

Rhys

– Tenta isso só hoje e, se você ainda se sentir na merda, não peço mais. Pode ser?

Mesmo com o volume do meu celular quase no zero, a voz do meu pai é um eco estrondoso através do alto-falante. Estremeço de leve e uso a memória muscular para puxar a calça de moletom preta pelas pernas na escuridão do quarto. Depois de vestir com cuidado um casaco com capuz, pego o telefone na cômoda.

– Eu tô bem – digo.

Não é de fato uma resposta, mas sei qual é a pergunta de verdade por trás do pedido dele.

Somos farinha do mesmo saco, meu pai e eu: ambos calmos sob pressão, os dois “banhados num lago de confiança, feito Aquiles”, como minha mãe costuma dizer. Fui comparado com meu pai durante toda a minha vida – por conta da aparência, da maneira como patino, como jogo – e, ao contrário de muitos dos filhos de jogadores lendários que conheci na NHL, a Liga Nacional de Hóquei no Gelo, eu não ligo.

Meu pai sempre foi meu herói.

É por isso que tenho certeza de que ele me pediu para trabalhar hoje na Fundação Primeira Linha – uma instituição de caridade que ele fundou depois de se aposentar da NHL – só pra ficar de olho em mim. Antes,

costumávamos falar de hóquei por horas, mas agora mal temos conversas superficiais, e *sei* que ele percebeu que comecei a evitá-lo.

A fundação oferece bolsas de estudo para crianças que querem jogar hóquei e não têm os meios para isso. Já trabalhei no programa antes, e até gostei, mas agora...

Parece assustador, como se, mesmo agora, eu soubesse que os sorrisos das crianças não vão afastar o medo constante que preenche o vazio do meu corpo.

– Rhys – chama ele mais uma vez, sua voz ainda muito alta.

Respiro fundo, calço os sapatos, pego minha bolsa esportiva e saio para o ar quente de junho.

– Só... tenta fazer isso hoje. E aí, se tiver vontade, pega as chaves amanhã de manhã pra treinar um pouco antes de o rink abrir.

Assinto enquanto jogo a bolsa no banco de trás do meu BMW. Fui liberado para dirigir há pouco mais de um mês, mas mal saí de casa durante todo esse tempo.

– Tá bom – digo por fim, as mãos apertando o volante no silêncio que se segue.

O zunido que se ouve no alto-falante chiado do meu pai indica que ele está dirigindo sua velha caminhonete – que minha mãe chama de “aquela coisa” – com as janelas abertas.

– E, se você não estiver pronto este ano, não precisa se forçar a fazer nada. Um ano a mais poderia ser bom para causar uma impressão melhor nos olheiros antes da próxima seleção...

A próxima seleção... Meus ombros se elevam, na defensiva, mas não consigo evitar o leve apelo disso, o momento em que já não me sinta *desse jeito* em relação ao hóquei, em que ame o esporte de novo, como sempre amei.

Isso é ridículo. Não sou um soldado. Jogo hóquei pela NCCA... Já deveria ter superado isso.

Eu o interrompo antes que a conversa me faça surtar e me mande de volta ao meu quarto, com as cortinas bem fechadas para nenhuma luz passar.

– Eu quero jogar. Tô pronto pra jogar de novo – minto. É uma frase que tenho praticado, então as palavras saem com mais facilidade do que respirar. – Tô bem.

Um suspiro profundo chega pela linha antes de nos despedirmos rapidamente e eu enfim dar a partida no carro.



O ringue está lotado, ainda mais para uma quinta-feira, bem na hora do jantar. Crianças de 5 a 13 anos circulam por ele com alguns voluntários que reconhecem de funções anteriores: jogadores aposentados, pais com alguma experiência relevante. Vejo até Lukas Bezek, um dos novos astros do Bruins, com a equipe de mídias sociais, praticando tacadas com algumas das crianças mais velhas.

Assim que piso no gelo, um pequeno borrão bate nas minhas pernas junto com um grito tardio:

– Cuidado!

Seguro o menininho antes que ele caia estirado no gelo.

Ele ri enquanto o seguro pelas proteções e pela camisa do uniforme e espero até que firme os pés. Ele fica olhando para mim o tempo todo. Tem o rosto sardento e um sorriso banguela que o faz parecer uma miniatura de jogador de hóquei. Ele escorrega de leve mais uma vez – não é o melhor patinador da área –, mas não faz careta nem parece nervoso.

– Foi mal – diz ele, com um leve assobio que passa pelo buraco onde falta um dente da frente. – Ainda tô treinando minha parada.

O antigo Rhys teria dado risada e dito algo gentil ou engraçado, como “De boas, amigão. Eu também”. Mas até mesmo a ideia de rir parece impossível, então ofereço o maior sorriso que meu rosto consegue suportar.

– Ainda bem que vamos treinar essas paradas hoje – anuncia a voz alegre da mulher alta e bonita que chega deslizando ao nosso lado, com um bando de pessoinhas atrás dela. – E parabéns, Liam, por encontrar nosso treinador e convidado especial de hoje!

Liam, o garoto que ainda agarra minha perna com a mãozinha enluvada, ri de novo e se inclina para trás.

– Ele é tão alto!

As crianças, que agora nos rodeiam, dão risada e sorriem para mim, em expectativa. O suor escorre pela minha nuca ao ver todos os rostinhos esperançosos me fitarem, confiando em mim.

Talvez isso tenha sido um erro.

– Esse é o Rhys – diz a mulher, tomando as rédeas da conversa. – É o atacante central dos Lobos da Waterfell, então joga hóquei na faculdade, pertinho de Boston! Ele joga desde que tinha a idade de vocês. E vai ajudar o nosso grupo a patinar hoje.

– A gente vai jogar hoje? – pergunta uma menina com o capacete nas mãos, as bochechas corando no mesmo instante em que recebe a atenção dos colegas.

– Acho que hoje, não. Vamos treinar principalmente a patinação, tá bem? – A mulher sorri de leve para o grupo, enquanto todos comemoram. – Vamos treinar um pouco como manusear o taco com nosso capitão de hóquei aqui. – Ela dá um aceno de cabeça para mim. – E depois, para terminar, algumas brincadeiras bem divertidas. O que acham?

Um coro de gritos animados começa até que ela os dispensa para darem algumas voltas de aquecimento.

– Espero que não se importe por eu ter monopolizado a conversa – diz ela, estendendo a mão para apertar a minha. – Sou a Chelsea. Um dos organizadores disse que você ajudaria hoje com as crianças.

– Isso mesmo – respondo.

Patino devagar ao lado dela, seguindo-a até a outra lateral do ringue, onde uma pilha de cones fica junto das placas, e tento me controlar.

– E agradeço por tomar a frente da conversa. Estou um pouco aéreo hoje.

– Eu entendo. – Ela ri. – Todo mundo tem uma noite *daquelas* às vezes.

Eu deveria rir ou assentir e concordar – como se minha apatia fosse apenas reflexo de uma baita ressaca –, mas mal consigo forçar um meio sorriso enquanto nos preparamos para o treino.

– Enfim, para as crianças é só mais uma aula de patinação mesmo. O grupo acima de 10 anos está com o pessoal do Bruins para lidar com as coisas de imprensa hoje. – Ela indica com a cabeça o grupo cambaleante de crianças que vem na nossa direção. – E o que quase te derrubou é o Liam; ele precisa de um pouquinho mais de atenção, caso você queira se concentrar nele hoje. Pra facilitar as coisas.

É o que faço.

Liam é fácil, decidido a aprender, embora desajeitado, e nunca desfaz o

sorriso. Ele gruda em mim e, de vez em quando, observa as outras crianças com uma careta determinada no rosto.

Chelsea encerra o treino com uma reunião rápida. Apenas metade das crianças consegue se ajoelhar. O resto se esparrama no gelo com sorrisos felizes.

Fico esperando aquela pequena lembrança de mim mesmo nessa idade, segurando o taco do meu pai enquanto ele me deslizava um pouco rápido demais pelo gelo. Vendo os jogos dele na tevê, vestido com sua camisa e aos berros, igualzinho à minha mãe. A primeira vez que fiz um gol sozinho, mesmo que tenha sido quase sem querer. Eu espero, mas... nada.

– Meu irmão também é muito bom – comenta Liam, um pouco sem fôlego, enquanto se segura no bolso da minha calça mais uma vez.

O menino é um péssimo patinador, mas está feliz.

– Ah, é?

Ele olha por cima do ombro para o grupo mais velho, que está terminando o treino do outro lado do gelo.

– É. O Oliver. Acho que ele vai ficar com inveja por você ter patinado comigo hoje.

– Inveja?

Ergo uma sobrancelha diante do menino.

Ele assente e outra risadinha escapa.

– Ah, pode acreditar. Você joga hóquei nos Lobos, e o Oliver quer *muito* jogar nesse time.

Dou uma olhada ao redor e percebo que Liam não foi chamado por nenhum dos pais que agora cercam as crianças, as quais devoram guloseimas na mesa do lanche. Os mais velhos se espalham e seguem todos para o portão, menos um deles: um garoto mais alto e com o cabelo tão comprido que as pontas ficam balançando por fora do capacete. Ele vem patinando na nossa direção.

Chelsea não está mais por perto; na verdade, não tem mais ninguém no gelo. Mães, pais e filhos cobrem as arquibancadas e se amontoam ao redor da mesa do lanche, suas risadas e conversas ecoando e ricocheteando pelas paredes em volta do rink aberto. Espero que alguém se aproxime da placa de vidro e chame os dois meninos que continuam no gelo, mas ninguém olha para eles.

– Ela não chegou? – pergunta o mais velho, Oliver, tirando o capacete.

O cabelo dele é mais escuro, mas os olhos acinzentados são idênticos aos do irmão, por isso é fácil identificar o parentesco.

Liam faz que não com a cabeça, em silêncio pela primeira vez desde que o conheci.

Oliver solta um som frustrado. Depois de uma olhadela rápida e desconfiada para mim, ele encara Liam com as mãos na cintura.

– Eu te falei que, se ela não estivesse aqui, era pra me esperar perto da mesa do lanche com a Srta. Chelsea.

Liam faz um bico e me larga para ir patinando, ou tropeçando, até o irmão.

– Mas ele é um dos Lobos! – explica ele, com a voz meio abafada, soltando um uivo rápido. – Tipo, ele joga hóquei pela Waterfell.

O menino espera a reação do irmão, mas Oliver parece envergonhado, quase com raiva. Liam uiva de novo, depois vira a cabeça para mim e diz:

– Não é, Rhys?

Deixo escapar um sorriso e assinto.

– É, Liam.

– Ele vai me ensinar tantas coisas sobre hóquei que vou ser melhor do que você.

Oliver sorri, ainda que com relutância, para as palhaçadas do irmão, enquanto Liam patina em pequenos círculos ao redor dele. Para Liam, deve ser como se estivesse voando, só que, na verdade, está tropicando.

É fácil ver o companheirismo entre os irmãos, o que me faz pensar em quando eu tinha 6 anos e perseguia Bennett feito doido. Ele sempre foi maior, mas eu era mais rápido. Ele é meu irmão, mesmo que não seja de sangue, e uma dor emana do meu peito ao pensar nele, nas cem chamadas perdidas e mensagens no meu celular que ainda não ouvi nem respondi.

Não o vejo desde o hospital, apesar de saber que ele foi até a minha casa várias vezes e que meus pais o dispensaram em cada uma delas.

Meu celular vibra no bolso e eu o pego.

BENNETT REINER: 152 mensagens não lidas

Eu sei que você tá vivo, babaca. Responde, seu...

Sem me preocupar em ler mais do que o trecho da notificação, coloco o aparelho de volta no bolso e ignoro a pontada de culpa que ameaça surgir. Volto a focar nos garotos que estão olhando fixamente para mim.

De repente, Chelsea se junta a nós. Ela abre um sorriso radiante para os meninos e dá de ombros para mim antes de se inclinar e sussurrar no meu ouvido.

– Eles são sempre os últimos aqui. – Enquanto ela fala, olho ao redor e vejo que a mesa do lanche ficou vazia e somos os únicos quatro que sobram em todo o rinque. – Alguém tem que ficar com eles até...

Uma porta bate e uma mulher corre pela rampa em direção ao portão.

Ela é pequena e está usando uma legging preta e um casaco de moletom azul em que cabem quase duas dela, com o rabo de cavalo meio solto e afogado pelo capuz caído nos ombros. Seu olhar perdido e distante faz com que eu me pergunte quando foi que ela dormiu pela última vez.

Vejo o rosto de Liam se iluminar, seus joelinhos se dobrando como se pudesse pular de empolgação caso não tivesse medo de cair. Ao meu lado, Chelsea bufa, revira os olhos e me lança um olhar que diz que esse atraso está longe de ser o primeiro.

– Cheguei! – grita a recém-chegada, a mochila quicando com força contra as costas.

Ela corre para o gelo ainda com os tênis sem cadarços, deslizando sem rumo por um momento antes de recuperar o equilíbrio e dar passos rápidos em nossa direção.

– Você tá atrasada – diz Chelsea com desdém. – De novo.

As mãos de Chelsea cobrem os ombros de Oliver em um gesto protetor e o tom vermelho se espalha ainda mais pela pele já corada da recém-chegada.

– Eu sei – diz ela, ajoelhando-se no gelo para ficar na mesma altura dos olhos de Liam, que ainda está empolgado, sem nenhum sinal de frustração em relação à... mãe?

Ela parece nova demais, levando em conta que Oliver deve ter uns 11 anos. A mulher olha em volta por um breve instante e só então um lampejo de reconhecimento me atinge. Já a vi antes, mas não sei onde.

Ela não se dá ao trabalho de se dirigir a Chelsea. Apenas lança um grande sorriso para Liam, que a encara como se ela fosse a pessoa mais im-

portante de sua vida, depois se dirige a Oliver, cujo rosto está vermelho e cabisbaixo, a decepção emanando dele.

– Foi mal, amigão. – Ela morde o lábio com força, seus olhos acinzentados arregalados e suplicantes. – Eu me esforcei bastante.

– Eu fiquei ainda mais rápido hoje – diz Liam, completa e alegremente alheio à frustração óbvia do irmão.

A jovem dá uma piscadela para o menino e esfrega a cabeça dele de leve, bagunçando seu cabelo enquanto se levanta.

– Aposto que um dia você vai ser ainda mais rápido do que o Crosby.

Quase chego a bufar, em parte porque agora estou imaginando um pôster de Sidney Crosby no quarto de infância dela. Apesar de os meus lábios nem começarem a se curvar – nenhum indício de uma risada se aproximando –, fico surpreso com a rapidez com que ela arrancou alguma reação do meu corpo vazio.

– Crosby não é o mais rápido. E você prometeu que estaria aqui pra ver – acusa Oliver, ainda emburrado, as bochechas coradas.

– Oliver, foi mal, campeão. Prometo que vou estar aqui...

– Você diz isso toda vez e não aparece por causa *dele*. – O garoto cospe a última palavra como veneno, e a expressão dela se fecha.

Está claro que, quem quer que seja, *ele* é um problema constante. Um namorado, talvez? Cruzo os braços e percebo que concordo um pouquinho com Chelsea.

– Que tal você me mostrar agora? – pede a jovem num tom esperançoso, tentando mudar o rumo da conversa. – Me dá um minuto pra colocar os patins e vou até correr com você...

– Na verdade – interrompe Chelsea –, a gente precisa sair do gelo agora. Vão limpar tudo antes da partida da liga adulta desta noite. Vem, Oliver, vamos pegar um biscoito na mesa do lanche. Guardei um pouco pra você.

Oliver segue Chelsea enquanto ela patina em direção à saída. Só então percebo que a garota me encara com as sobrancelhas franzidas.

Inseguro de uma forma que nunca teria ficado antes do acidente, me empertigo, endireitando a coluna. Meus braços ficam soltos ao lado do corpo por um momento, mas de alguma forma parece pior. Eu os cruzo, mas me sinto ainda mais ridículo, então os deixo cair de novo e levo uma das mãos ao bolso.

– Quem é o grandalhão? – pergunta ela a Liam, erguendo uma sobran-celha para ele antes que o menino sorria.

– Ah, tá, já sei... Cuidado com estranhos e tudo mais... Mas esse é o Rhys.

– Eu não sei quem é Rhys, chuchu.

– Ele vai ajudar a gente a ficar *muito* bom no hóquei – conta Liam, no mesmo instante em que seus patins deslizam e ele tomba para a frente.

Eu o alcanço na hora, pegando-o com facilidade e segurando seus braços até que ele se estabilize de novo. É bem fácil, ainda mais depois de ter repetido esse mesmo movimento cerca de vinte vezes na última hora.

– Você tá bem? – pergunto, me abaixando para ficar na altura dele e dando outro sorriso rápido, mesmo que contido, para a garota que nos observa.

Por um instante, espero por algo: um sorriso, um murmúrio de aprovação, um “Que bonitinho” ou “Você leva jeito com crianças”. Todas as respostas que costumavam ser comuns diante do meu charme fácil. Mas ela não me dá nada além de um olhar arregalado e vazio.

Odeio isso, sentir que os olhos acinzentados dela, parecidos com os de um gato, poderiam enxergar tudo. Como se houvesse algo fisicamente errado comigo que sinalizasse o show de horrores abominável escondido debaixo da minha pele.

– Tô bem – responde Liam, patinando com as pernas trêmulas. – O Rhys é, tipo, o melhor jogador de hóquei.

– Ah... – Ela meneia a cabeça, os olhos ainda fixos em mim de um jeito enfurecedor. – Beleza. Enfim. Dá tchau pro craque de hóquei, chuchu. Hora de ir pra casa.

– Tchau, Rhys! Semana que vem eu trago meu capacete. Tem adesivos nele – acrescenta Liam, praticamente dando um gritinho e se levantando depressa de outra queda antes de tentar uivar de novo pra mim.

Sei que deveria me juntar a ele no uivo, dar a entender que sou amigo dele, mas há uma pressão no meu peito que me impede até de respirar, que dirá uivar.

Ele cai mais duas vezes no caminho até as placas e a arquibancada, onde seu irmão está desamarrando o cadarço dos patins. Oliver observa a garota com atenção, como se estivesse preocupado com ela, apesar da raiva.

Ela bufa, o que faz a franja e as várias mechas soltas do cabelo castanho

e sedoso ondular em torno do rosto. Espero um momento, pronto para me apresentar, quando vejo a etiqueta pendurada na mochila dela.

– Você estuda na Waterfell?

E não é só isso: tem um par de patins bordado no final do logotipo, patins de patinação artística.

Ela se vira para mim tão rápido que perde o equilíbrio. Eu a seguro e a coloco de pé de novo num piscar de olhos, e não me surpreendo por ela não pesar quase nada, de tão pequena que é.

O nome não me vem à cabeça de jeito nenhum, se é que eu já soube qual é, mas me lembro dela. Já a vi entrar e sair do centro esportivo antes, sempre com pressa, sempre meio atrapalhada.

Mas a lembrança mais forte que tenho é dela irrompendo no nosso treino um dia, quando ficamos até tarde, e se esgoelando com nosso pacato treinador até que um homem alto e de rosto severo a pegou pela cintura e a levou embora.

Depois que meu treino acabou, permaneci no túnel de entrada do estádio por um tempo e a vi colocar uma música alta animada e abrir caminho pelo gelo retalhado, impedindo que a máquina o limpasse, patinando como se quisesse matar alguém.

Pura paixão.

Assim de perto ela é linda, mesmo com sua aparência caótica. O cabelo é brilhoso e escuro e a pele é corada, com uma única faixa de sardas sob o olho direito.

– Que bom que te peguei.

Tento sorrir, meu velho charme me cobrindo como se fosse um casaco grosso, um escudo. Ela pisca uma, duas vezes, depois enrugando a sobrancelha em profunda frustração e se afasta de mim.

– Tenho certeza de que você pega de tudo.

Ainda sorrindo, apesar da resposta fria e do vazio que abre um buraco dentro de mim, respondo:

– Eu jogo hóquei pela Waterfell.

– Beleza, meninos – chama ela, ignorando por completo minhas palavras e minha presença enquanto sai marchando do rink com o nariz empinado.

Alguma coisa dentro de mim se retorce, seja por ela rejeitar o que costumava me conferir o valor que eu tinha antes ou por não me reconhecer.

– Vamos embora – diz ela.

Os dois meninos pegam as mochilas com os equipamentos e vão atrás dela. Liam está tão animado quanto antes e Oliver, tão abatido quanto antes. Olhar para a expressão desanimada dele parece um soco no peito, então corro para fora do gelo atrás dos três.

– Ei! – chamo e espero enquanto eles se viram. – Posso falar com você um minuto? Ah, desculpa, você não disse seu nome.

Liam ri e aponta para a garota franzina que está um degrau acima dele.

– Essa é a Sadie.

– Valeu, seu manezinho. – Ela revira os olhos, batendo com o quadril na altura do ombro dele enquanto olha para mim. – Falar do quê?

– É sobre... os meninos. Só...

Eu paro de falar enquanto ela desce até mim. Quanto mais perto fica, mais meu coração dispara diante da ideia de discutir com ela.

– O quê?

O tom dela é tão agressivo quanto sua postura, de braços cruzados e me encarando, como se fosse *ela* o atacante central de 1,90 metro com quase 8 centímetros a mais de patins.

– Sei que sou novo no programa de bolsas de estudo, mas o Liam e o Oliver são ótimos, mesmo tão jovens.

– Eu sei.

Consigo manter o sorriso, principalmente porque tem uma quentura revirando meu estômago.

– E, bem, acho que o apoio dos pais é importante para as crianças, especialmente sobre os interesses delas...

– Vai direto ao ponto, craque.

Tá, tudo bem. Chega de charme. Endureço o olhar e cruzo os braços.

– Você deveria se esforçar para estar aqui. Não esquecer sua promessa.

Os olhos dela entram em combustão diante de mim, o fogo queimando debaixo do cinza-escuro, e, por um momento, acho que ela pode me atacar, tentar me empurrar contra as placas.

Quem sabe isso ajude, quem sabe me force a sentir algo além do abismo escancarado dentro de mim. Quem sabe, se for mais forte do que parece, ela me derrube.

Para falar a verdade, torço para que isso aconteça.

– Entendido. Mais alguma coisa que queira cuspir aí de cima do seu pedestal? – Sadie não espera nem um segundo antes de continuar: – Ótimo!

– Ela bate palmas uma vez, ríspida. – Que bom que tivemos essa conversa.

– Espera. – Tento de novo, minha frustração aumentando quando alcanço o pulso dela e a impeço de ir.

O contato físico a faz explodir e se desvencilhar em seguida, como se eu tivesse tentado atear fogo nela. Eu a solto no mesmo instante, então vejo a mão pequena dela ao redor do meu pulso, ainda que não o envolva por completo. Na tentativa de se defender, ela o torce feito um valentão no parquinho, o que causa um arrepio na minha espinha.

– Nunca mais pegue em mim desse jeito.

Ela torce um pouco mais meu pulso e quero pedir que continue esse aperto quente, porque é a primeira coisa além de dor que sinto em *meses*.

Mas não posso, porque, quando engulo em seco e desgrudo a língua do céu da boca, os três já foram embora.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

